

**LETRAMENTO SOCIAL E LEITURA DO MUNDO: A PALAVRA DO
PROFETA EM “GENTILEZA” DE MARISA MONTE***SOCIAL LETTERING AND READING OF THE WORLD: THE WORD OF THE
PROPHET IN “GENTILEZA” BY MARISA MONTE*Francisco Renato Lima¹
Ana Maria Alves de Brito²

89

RESUMO

Os domínios ideológicos da escrita ultrapassam as barreiras institucionais, uma vez que, em diferentes contextos e domínios, os sujeitos – alfabetizados ou não – lidam com o poder e a influência das práticas letradas em suas vidas. Nesse sentido, este estudo, seguindo as noções de ‘leitura de mundo’ e ‘letramentos sociais’, formuladas por Paulo Freire (2011) e Brian Street (1995), analisa a música “Gentileza”, de Marisa Monte, buscando identificar, em sua letra, as marcas ou discursos que evidenciam o letramento social, no modelo ideológico, e a capacidade de leitura de mundo da personagem principal retratada, o Profeta Gentileza. O estudo assume uma abordagem qualitativa, a partir de pesquisa exploratória e bibliográfica, à luz de obras, como: Freire e Macedo (2013) e Street (2003a; 2003b; 2006; 2014) e demais autores, a saber: Bakhtin (2009; 2011), Boff (2012), Kleiman (1995), Marcuschi (2010), Tfouni (1988; 2006; 2010), entre outros. A análise da canção, partiu de uma abordagem interpretativa do gênero textual letra de música, constituindo assim, uma “análise de conteúdo”, conforme Penafria (2009). Esse cotejo analítico evidencia que, a leitura – do mundo e da palavra; e/ou vice-versa – ocorrem de modo cíclico: o Profeta Gentileza, leu e interpretou o mundo, sobretudo, a partir de uma visão cristã e ideológica, oralizando e grafando nas pilastras do Viaduto do Caju (RJ); já Marisa Monte, evoca musicalmente, a importância do seu trabalho e de sua trajetória como sujeito da palavra sentida, proferida e humanizadora, instauradas nos liames da cultura, das estruturas de poder e de domínio social.

Palavras-chave: Letramentos sociais. Modelo ideológico. Leitura de mundo. Gentileza.

ABSTRACT

The ideological domains of writing go beyond institutional barriers, since, in different contexts and domains, subjects - literate or not - deal with the power and influence of literate practices in their lives. In this sense, this study, following the notions of 'world reading' and 'social

¹ Doutorando em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor Substituto da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3152885404404790>. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-1372-5444>. E-mail: fcorenatolima@hotmail.com.

² Mestra em Letras - Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professora de Língua Portuguesa na Secretaria de Estado da Educação do Piauí (SEDUC-PI). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4758791776026360>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7547-3863>. E-mail: hanabritoalves@hotmail.com.

literacies', formulated by Paulo Freire (2011) and Brian Street (1995), analyzes the song "Gentileza", by Marisa Monte, seeking to identify, in its lyrics, the marks or speeches that show the social literacy, in the ideological model, and the world reading capacity of the main character portrayed, the Prophet Gentileza. The study takes a qualitative approach, based on exploratory and bibliographic research, in the light of works such as: Freire and Macedo (2013) and Street (2003a; 2003b; 2006; 2014) and other authors, namely: Bakhtin (2009; 2011), Boff (2012), Kleiman (1995), Marcuschi (2010), Tfouni (1988; 2006; 2010), among others. The analysis of the song, started from an interpretative approach of the textual genre of music, thus constituting a "content analysis", according to Penafria (2009). This analytical comparison shows that, reading - the world and the word; and / or vice versa - they occur in a cyclical way: the Prophet Gentileza, read and interpreted the world, above all, from a Christian and ideological view, oralizing and writing on the pilasters of the Viaduto do Caju (RJ); Marisa Monte, on the other hand, musically evokes the importance of her work and her trajectory as the subject of the felt, spoken and humanized word, established in the lines of culture, power structures and social domain.

Keywords: Social literacies. Ideological model. World reading. Kindness.

Data de submissão: 22 jul. 2020.

Data de aprovação: 04 dez. 2020.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As noções de ‘leitura de mundo’ e o ‘letramento social’ ou ‘letramentos’, no plural, assumem instâncias de aproximação, neste estudo, a partir das abordagens do brasileiro Paulo Freire (1921-1997) e do britânico Brian Street (1943-2017). O primeiro, sobretudo na obra: *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*, publicada em 1982, na qual apresenta sua máxima: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 2011, p. 19-20). E, o segundo, sobretudo a partir da obra: *Social literacies: critical approaches to literacy in development, ethnography and education*, publicada em 1995³, um marco na formulação dos Novos Estudos do Letramento (NLS - *New Literacy Studies*), passando a considerar o “letramento como prática social (LPS)”, a partir da ideia do modelo ideológico de letramento, no qual “todas as práticas de letramento são aspectos não apenas da cultura mas também das estruturas de poder numa sociedade” (KLEIMAN, 1995, p. 38). Essa visão se sobrepõe ou redefine o modelo autônomo de letramento, historicamente enraizada na cultura escolar, que atrelava o letramento apenas a ação alfabetizadora da escola.

O alinhamento possível entre as propostas dessas duas obras é o de que, a leitura e a escrita constituem-se em práticas sociais, e que só podem ser consideradas, a partir da inserção que elas têm nos eixos da história, da cultura, da ideologia e das relações de poder que estruturam suas manifestações na sociedade. O modo como o indivíduo interage socialmente, seja lendo um texto escrito – no sentido da alfabetização e da escolarização (GIROUX, 1983; MARCUSCHI, 2010) – ou compreendendo uma situação social de escrita – no sentido ideológico e funcional (FREIRE, 2011; STREET, 1995) – representa um ponto de ancoragem para sua percepção do mundo. É dali, do seu lugar de vivência e domínio com e sobre a leitura, que ele enuncia e constitui um lugar social no mundo.

Partindo desse entendimento, objetiva-se analisar a música *Gentileza*, de Marisa Monte, buscando identificar, em sua letra, as marcas ou discursos que evidenciam o letramento social, no modelo ideológico, e a capacidade de leitura de mundo da personagem principal retratada, o Profeta Gentileza.

³ Traduzida no Brasil em 2014 (STREET, 2014), pelo professor Marcos Bagno.

Para tanto, cabe então, situar o contexto de análise: primeiro, quem foi a figura do Profeta Gentileza, tomando como referência os trabalhos de Guelman (2000), Oliveira (2005), Guerra *et al.* (2006), Lorenzino (2009), Devillart (2015), Yado (2016); e, em seguida, a história de motivação para a composição dessa música.

Nascido no interior paulista, em 11 de abril de 1917, José Datrino começou a trabalhar cedo, a fim de ajudar a família. De pouca escolarização, aos 20 anos, o jovem mudou-se para o Rio de Janeiro, onde casou-se e teve 5 filhos. Começou a trabalhar no ramo de transporte, chegando a ser um pequeno empresário, mas em 17 de dezembro de 1961, aconteceu um fato que mudou radicalmente sua vida: um incêndio em um circo durante um espetáculo mata mais de 500 pessoas. Ele ouviu vozes, que o convocam a ir ao local, prestar ajuda às vítimas. Seis dias depois da tragédia, recebeu um chamado divino a cumprir uma missão espiritual na Terra: “Deveria vir como São José, representar Jesus de Nazaré na Terra, perdoar toda a humanidade, ensinar a perdoar uns aos outros e mostrar o Caminho da Verdade que é o Nosso Pai, fazer o ensinamento de Jesus na Terra” (GUELMAN, 2000, p. 24).

A partir de então, ele renega os bens materiais e assume-se como religioso, profeta e pregador da palavra sagrada. Passou a vestir-se como os profetas bíblicos: cabelos e barba longos, bata branca e estandarte nas mãos, numa alusão direta às tábuas dos dez mandamentos de Moisés. Sua figura tornou-se lendária pelas ruas do Rio de Janeiro, onde pregou inicialmente, no percurso das barcas entre o Rio de Janeiro e Niterói. Em seguida, viajou por vários estados do Brasil, pregando especialmente, a “gentileza”. Em seus 35 anos de pregação, por incompreensão ou intolerância social, sofreu diversos ataques de populares nas ruas, da imprensa, da mídia, da polícia e de ordens religiosas.

O Profeta Gentileza registrou 56 escritos entre as décadas de 80 e 90 do século XX, em forma de textos-murais nas pilastras do Viaduto do Caju. Seus símbolos gráficos, de caráter inéditos, traduziam a mensagem de perdão e caminho da verdade que ele propagava. Em 1996, voltou a morar no interior de São Paulo, onde faleceu aos 79 anos de idade do referido ano. Como seus escritos eram considerados de um “louco religioso”, sem nenhum valor artístico ou cultural, em 1997, um ano após sua morte, eles foram pintados de cal cinza. A justificativa da Companhia Municipal de Limpeza Urbana do Rio de Janeiro (COMLURB) foi de que o Papa João Paulo II viria a cidade e, portanto, ela precisava ser “limpa”. Após essa destruição, segundo Devillart (2015, p. 42):

Em janeiro de 1999, teve início o projeto *Rio com Gentileza*, coordenado pelo Professor Leonardo Guelman (UFF), com o objetivo de restaurar os escritos que estavam praticamente destruídos. A Universidade Federal Fluminense, em conjunto com a Socicam (Rodoviária Novo Rio), Consórcio Novo Rio, Fosroc Reax e com apoio da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, iniciou o programa de restauração, finalizando-o em 2000. No Decreto nº 19188, de 27 de novembro de 2000, foi determinado, pelo prefeito Luiz Paulo Fernandez Conde, o tombamento das “55 (cinquenta e cinco) pinturas/ escritos de autoria de José Datrino, conhecido popularmente como Profeta Gentileza localizadas na estrutura do viaduto do Caju”.

Em face do reconhecimento artístico, cultural e religioso de sua obra e figura, desde então, têm recebido diversas homenagens, dentre elas: pesquisas a nível de mestrado e doutorado, na área de Letras e Arte, especialmente (a exemplo, de Devillart (2015), Lorenzino (2009) e Yado (2016), que fundamentam este tópico); publicação de livros sobre sua história de vida; foi tema do carnaval de 2001, da Acadêmicos do Grande Rio, com o enredo *Gentileza X O profeta do Fogo*; foi homenageado pela bateria da Caprichosos de Pilares, em 2011; foi representado pela X-9 Paulistana e tema de carro alegórico na Unidos do Viradouro, em 2014; foi homenageado pela bateria da Caprichosos de Pilares e pelo mestre-sala e porta-bandeira da Alegria da Zona Sul, em 2015; foi tema de diversos espetáculos circenses; “o designer Luciano Cardinali criou a fonte para Word *Ghentileza*, que imita as letras do Profeta” (DEVILLART, 2015, p. 43); foi homenageado pela TV Globo, na novela *Caminho das Índias*, com o personagem Gentileza, interpretado pelo ator Paulo José, em 2009; foi título da música *Gentileza*, composta e gravada por Gonzaguinha⁴, nos anos 1980; e Marisa Monte, compõe e lança *Gentileza*⁵, no ano de 2000, no álbum “Memórias, Crônicas e Declarações de Amor”. A cantora narrou a situação que inspirou a composição:

Uma vez, estava passando pela área do Cais do Porto aqui no Rio com meu amigo Carlinhos Brown. Como ele não é do Rio, eu quis mostrar pra ele algo especial da minha cidade que eu sabia que ele ia gostar. Foi quando eu

⁴ Videoclipe oficial disponível na plataforma digital *online* e de franco acesso, o YouTube, em: <https://www.youtube.com/watch?v=j5cewnEzcfY>. Acesso em: 05 abr. 2020.

⁵ Videoclipe oficial disponível na plataforma digital *online* e de franco acesso, o YouTube, em: <https://www.youtube.com/watch?v=mpDHQVhyUrY>. O videoclipe da canção mostra cenas do cotidiano da cidade do Rio de Janeiro, incluindo Marisa dentro de um ônibus e o próprio Gentileza, andando pelas ruas do Centro e de frente a uma barca, carregando sua mensagem para o povo. As pilastras com suas inscrições também aparecem.

procurei nos pilares do Viaduto do Caju, os escritos do Gentileza, figura que me fascinava e que eu conhecia desde a infância. Qual não foi minha decepção quando vi que eles haviam sido apagados pela cia. de limpeza urbana do Rio. Fiquei desolada pensando nos inúmeros significados desse ato numa metrópole como o Rio. O legado do Profeta Gentileza havia desaparecido pra sempre. Na mesma noite, compus “Gentileza”. “Apagaram tudo, pintaram tudo de cinza...” Minha voz se uniu a muitas outras e, hoje, graças ao trabalho do Prof. Leonardo Gelman da ONG Rio Com Gentileza, a obra do Profeta está linda, restaurada e faz parte do inventário afetivo da cidade. Quem não for do Rio e vier visitar, não deixe de conhecer. Gentileza gera gentileza. (MONTE, 2014, p. 04)

Veja-se então, o produto dessa homenagem, a letra da canção:

* GENTILEZA *⁶

Apagaram tudo
Pintaram tudo de cinza
A palavra no muro
Ficou coberta de tinta

Apagaram tudo
Pintaram tudo de cinza
Só ficou no muro
Tristeza e tinta fresca

Nós que passamos apressados
Pelas ruas da cidade
Merecemos ler as letras
E as palavras de Gentileza

Por isso eu pergunto
A você no mundo
Se é mais inteligente
O livro ou a sabedoria

O mundo é uma escola
A vida é o circo
“Amor: palavra que liberta”
Já dizia o Profeta.

⁶ Imagem representativa da fonte Word *Ghentileza*, criada por Luciano Cardinali. Adaptada de documento disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/15975/15975_5.PDF. Acesso em: 04 abr. 2020.

É essa canção que se toma como objeto de análise, a fim de perceber as marcas ou discursos⁷ que evidenciam o modelo de letramento ideológico – no campo dos letramentos sociais – que caracterizam a leitura de mundo do Profeta Gentileza.

Defronte a essa contextualização, busca-se alcançar o objetivo pretendido, por meio de uma abordagem qualitativa de pesquisa, que, quanto aos objetivos, define-se como exploratória, utilizando-se dos procedimentos da pesquisa bibliográfica. E, embora as duas obras principais referências às ideias aqui defendidas sejam Freire (2011) e Street (1995), nominalmente citadas anteriormente, outros trabalhos dos teóricos, sobretudo posteriores, que sigam a mesma abordagem, serão relacionados (FREIRE; MACEDO, 2013; STREET, 2003a; 2003b; 2006; 2014); bem como, a leitura de autores que se alinhem às suas perspectivas teóricas e ajudem a cotejar o propósito aqui pretendido. Dentre eles: Bakhtin (2009; 2011), Boff (2012), Kleiman (1995), Marcuschi (2010), Tfouni (1988; 2006; 2010), entre outros.

Para a análise da letra da música, assumiu-se um caráter interpretativo do gênero textual letra de música, buscando extrair da superfície textual, algumas marcas linguísticas e sonoras, que pudessem ser associadas ao contexto sócio-histórico, ideológico e cultural de sua produção. Vale ressaltar que, de certo modo, realiza-se uma análise do discurso, mas não no sentido da disciplina Análise do Discurso (AD), fundada por Michel Pêcheux (1969 [2010]),

⁷ Importante ressaltar que, neste estudo, quando menciona-se ‘os discursos de letramento’ ou discursos que evidenciam ou caracterizam o letramento social ideológico e a leitura de mundo do sujeito, tem-se conhecimento, reconhece-se, mas não adentra-se propriamente na abordagem proposta por Magalhães (2012), na obra: “*Discursos e práticas de letramento: pesquisa etnográfica e formação de professores*”, embora, é claro, apresente-se uma visão conciliável e possível de diálogo, inclusive, em virtude de que nos textos da obra organizada por Magalhães (2012), assim como neste, os autores tomam como aparato teórico, as bases dos Novos Estudos do Letramento (NLS - *New Literacy Studies*) ou Teoria Social do Letramento, o que inclui fontes, como: Barton (1991; 1994), Barton e Hamilton (1998; 2000), Barton; Hamilton e Ivanic (2000), Hamilton (2000), Heath (1982; 1983; 2001), Scribner e Cole (1981); além, é claro, de diversas obras de Brian Street. No entanto, eles se voltam mais diretamente e fazem interface teórico-metodológica com a Análise do Discurso Crítica (ADC), tomando por base os diversos estudos do linguista britânico da Universidade de Lancaster, Norman Fairclough, sumarizados em Magalhães (2005), a precursora dessa linha de estudo no Brasil. Ademais, a título de ilustração e de conhecimento sobre a aplicação dessa abordagem, recomenda-se a leitura de trabalhos, como os de Batista Júnior; Magalhaes e Sato (2012), Batista Júnior e Sato (2019), Foschaches e Rios (2017), Mascia (2009), entre outros.

Resumindo, aqui, neste texto, embora mencione-se ‘discursos de letramento’ e utilize-se também das leituras de Barton (1991; 1994), Barton e Hamilton (1998; 2000); Hamilton (2000), Heath (1982; 1983; 2001), Scribner e Cole (1981) e Brian Street, sobretudo, a discussão do tema será feita em diálogo com a abordagem sociodialógica do Círculo de Bakhtin, o que constitui, no campo dos estudos da linguagem, segundo definição de Brait (2014), a Análise Dialógica do Discurso (ADD) ou Teoria da Enunciação Sociodialógica (TESD); aliada a concepção de leitura de mundo e leitura da palavra, de Paulo Freire (2011).

Toda essa nota explicativa faz-se necessária, a fim de evitar futuros mal-entendidos ou mesmo, cobranças indevidas sobre eventuais comprometimentos teóricos que não foram prometidos.

na década de 60 do século XX, na França e da qual tem-se conhecimento. Portanto, aqui, ao referir-se a discurso (conforme explicitado em nota de rodapé anterior), assume-o numa acepção mais ampla, optando por considerá-lo a partir da dimensão proposta por Fairclough (2001 [1992]), ao tê-lo como ‘prática social’, portanto, o discurso é toda prática social de linguagem. E, no caso aqui em evidência, busca-se perceber as marcas ou discursos que evidenciam o letramento ideológico e a leitura de mundo do Profeta Gentileza.

Em virtude de não ter tido acesso a nenhum tipo de metodologia específica de análise de letras de músicas, além de inúmeros trabalhos na linha da AD, segue-se a leitura de Penafria (2009, p. 1), que propôs uma análise para filmes – um gênero próximo a letra de música. A autora diz que também não existe “uma metodologia universalmente aceita para se proceder à análise”, mas que “é comum aceitar que analisar implica **duas etapas importantes**: em primeiro lugar **decompôr, ou seja, descrever** e, em seguida, **estabelecer e compreender as relações entre esses elementos decompostos, ou seja, interpretar**” (PENAFRIA, 2009, p. 1, grifos nossos). Nesse sentido, adaptando-se então, seu modelo, justifica-se a opção pelo caráter interpretativista, ao qual se propõe neste estudo.

Na esteira de possibilidades apontadas pela autora, faz-se uma “análise de conteúdo” (PENAFRIA, 2009, p. 6) da música, considerando-a como uma narrativa construída a partir de uma situação específica e com base na realidade, a qual servirá como norte para fazer referências, associações e inferências diversas, tendo como pano de fundo, a aproximação entre a letra da canção e o contexto real.

Neste texto, a tessitura de ideias, constrói-se pelo seguinte percurso: além destas considerações iniciais, que situam a proposta e o caminho metodológico do estudo; em seguida, trata-se sobre a leitura do mundo e a leitura da palavra com base nos diálogos freireanos; depois, trata-se sobre letramentos sociais, no modelo ideológico, pensando na materialização dos sentidos ideológicos da escrita na sociedade; posteriormente, apresenta-se uma proposta de análise da música “Gentileza”, de Marisa Monte; e, por fim, as considerações finais.

2 A LEITURA DO MUNDO E A LEITURA DA PALAVRA: DIÁLOGOS FREIREANOS

Em suma, foi pela imbricação de sentimentos, emoções, observação, intuição e razão que ele criou a sua “leitura de mundo”, uma epistemologia, uma teoria do conhecimento, uma compreensão crítica da educação na qual disse a sua palavra lendo o contexto do mundo ditado pelo “texto” que seu corpo consciente lhe dizia e ele “escutava” e sobre ele refletia. Daí porque Paulo entendia que a palavra verdadeira é práxis transformadora, porque ela diz da intenção de não dizer a palavra vazia ou perversa, oca ou inconsistente, astuta ou destruidora, mas a palavra certa, a palavra verdadeira. Dizer a palavra é, para Paulo, portanto, o resultado do diálogo mais profundo de respeito entre homens e mulheres, respeitando cada um a inteireza de dignidade do outro ou da outra. Dizer a palavra verdadeira, para ele, é biografar-se. É possibilitar que sejamos sujeito da história também e saíamos da condição de apenas objeto da sociedade. (FREIRE, 2015, p. 293)

97

As palavras acima são da educadora Ana Maria Araújo Freire, viúva de Paulo Freire e com quem ele conviveu os últimos anos de sua vida. Ela, não apenas no plano pessoal, mas profissional, testemunhou o compromisso do marido e professor politicamente comprometido, com a defesa de uma pedagogia e uma educação dialógica, libertadora e emancipatória. Uma perspectiva que encontra lugar no modo como o educador enxerga a relação mundo e leitura.

No campo dos estudos de base cognitivista, de áreas diversas da educação e da linguagem, isso vai constituir o que se chama de ‘conhecimento de mundo’, ou seja, um repertório diverso de saberes acumulados durante o tempo pelo sujeito e que possibilitam que ele ‘leia’ e interprete socialmente o contexto em que se situa, acionando, de modo ‘automático’ esses saberes conforme às demandas e necessidades do mundo do letramento.

A visão freireana de mundo e de leitura constitui um tecido coeso, pela relação singular e ideológica que o sujeito assume com o mundo e os pares a sua volta, por meio da leitura do mundo, como ponto de partida para a leitura da palavra. Uma leitura que extrapola a dimensão mecânica e autônoma do código – geralmente associada a alfabetização escolar –, considerando inclusive que:

O ato de aprender a ler e escrever deve começar a partir de uma compreensão muito abrangente do ato de ler o mundo, coisa que os seres humanos fazem antes de ler a palavra. Até mesmo historicamente, os seres humanos primeiro mudaram o mundo, depois revelaram o mundo e a seguir

escreveram as palavras. Esses são momentos da história. Os seres humanos não começaram por nomear A! F! N! Começaram por libertar a mão e apossar-se do mundo. (FREIRE; MACEDO, 2013, p. 15)

Essa perspectiva enaltece o valor do contexto sócio-histórico que envolve a leitura. Cada sujeito, do seu lugar social, assume uma visão e uma narrativa de acordo com a leitura e a compreensão que possui do mundo, visto que “a cabeça pensa a partir de onde os pés pisam” (BOFF, 2012, p. 15), e, portanto, compreender a dimensão desse processo, implica o reconhecimento e envolvimento com as práticas sociais de cada falante/leitor. Como diz Boff (2012, p. 15) em perspectiva responsiva a Freire, é preciso perceber que: “cada um lê com os olhos que tem. E interpreta de onde os pés pisam. Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é sua visão de mundo. Isso faz da leitura sempre uma releitura”, ou seja, um movimento de idas e vindas as possibilidades de recriação de realidades que cada sujeito possui.

Essa perspectiva de Freire aproxima-se e dialoga com outros epistemólogos das ciências da linguagem, em particular, recorre-se neste estudo, a Bakhtin (2011, p. 261), ao considerar que ao usar a língua, o sujeito não emprega, de modo mecânico, palavras e orações, mas constrói e estabelece diálogos, “enunciados”, os quais “refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo” de atuação humana. Nesse movimento de dialogia, alteridade e responsividade, por meio da linguagem, segundo Bakhtin (2009), o homem constitui-se como um ser ativo e operante no meio social em que atua. E nisso:

O sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto. De fato, há tantas significações possíveis quantos contextos possíveis. No entanto, nem por isso a palavra deixa de ser una. Ela não se desagrega em tantas palavras quantos forem os contextos nos quais ela pode se inserir. (BAKHTIN, 2009, p. 109-110)

Outra leitura fundamental e responsiva à Freire é de Street, ao considerar a natureza social e ideológica da escrita, o que chama letramento ideológico, o qual “para qualquer grupo é o que ele é nos contextos em que é vivenciado” (STREET, 2014, p. 97), ou seja, “o letramento varia de um contexto para o outro, de uma cultura para a outra e da mesma maneira, então, variam os efeitos de diferentes letramentos em diferentes condições” (STREET, 2003a, p. 77). Assim, há diferentes tipos, níveis e possibilidades de letramento, que constituem os

letramentos sociais dos sujeitos, que, de modo experiencial e funcional, constroem referentes no mundo social, por meio das percepções particulares que evidenciam seu lugar letrado no mundo. Na perspectiva do autor, essa:

Representa uma nova visão da natureza do letramento que escolhe deslocar o foco dado à aquisição de habilidades, como é feito pelas abordagens tradicionais, para se concentrar no sentido de pensar o letramento como uma prática social. Isso implica o reconhecimento de múltiplos letramentos, variando no tempo e no espaço, e as relações de poder que configuram tais práticas. Os NLS, portanto, não tomam nada como definitivo no que diz respeito ao letramento e às práticas sociais a ele relacionadas, preferindo, ao contrário, problematizar o que conta como letramento em um espaço e tempo específicos e questionar quais letramentos são dominantes e quais são marginalizados ou resistentes. (STREET, 2003a, p. 77)

Parece pertinente então, a partir do diálogo com esses autores, apontar, a partir de Freire, para a relevância de identificar os discursos que caracterizam os letramentos sociais ideológicos que revelam a leitura de mundo do sujeito, em particular, o Profeta Gentileza, retratado na música de Marisa Monte. Assim, à luz das diversas leituras no campo dos Novos Estudos do Letramento (NLS - *New Literacy Studies*), de Street, em particular, entende-se os letramentos sociais, no modelo ideológico, como movimentos de linguagem que associam-se às relações de poder e domínio que cada sujeito possui, dentro das esferas de atuação em que atua, por meio das relações entre o ideário social coletivo das práticas escritas e as prerrogativas individuais sobre a leitura no meio social, assumindo lugares e posições de poder e legitimação social, por meio do envolvimento com o mundo da escrita.

3 LETRAMENTOS SOCIAIS: A MATERIALIZAÇÃO DOS SENTIDOS IDEOLÓGICOS DA ESCRITA NA SOCIEDADE

Na acepção geral, sem filiações teóricas específicas nos moldes da AD, como se vem tratando, pretende-se neste tópico, referir-se a discurso como movimentos de linguagem construídos pelos indivíduos na relação com as coisas, os objetos e as pessoas, nas ações que desenvolvem no mundo através das leituras do cotidiano, com o propósito de realização de suas práticas letradas. Isto significa, então, delinear um ambiente onde acontecem

concretamente os “diálogos ideológicos”, sejam eles, orais ou escritos, produzidos nos mais diversos meios não “escolarizados” da vida. Nesta perspectiva, toma-se por base as reflexões de Street (2014, p. 174), quando se refere às práticas de letramento,

[...] como um conceito mais amplo, alçado ao nível mais elevado de abstração e referindo-se a comportamentos e conceitualizações relacionados ao uso da leitura e/ou da escrita. As práticas letradas incorporam não só os “eventos de letramento”, como ocasiões empíricas de que o letramento é parte integrante, mas também “modelos populares” desses eventos e pré-concepções ideológicas que os sustentam.

Apropriar-se desse conceito é buscar valor nas práticas sociais realizadas nos contextos sociais independente dos usos da escrita. É analisar como válidos os enunciados empíricos ideologicamente realizados pelos indivíduos, com fins em seus propósitos comunicativos, no mesmo sentido também que Freire (2011), por analogia, chama de “palavra-mundo” (página), referindo-se aos conhecimentos que o homem absorve a partir dos fragmentos de escrita materializadas em práticas de leitura do mundo.

Esse entendimento, requer ciência de que “não existe, nas sociedades modernas, o letramento ‘grau zero’, que equivaleria ao ‘iletramento’” (TFOUNI, 1988, p. 18), ou seja, escolarizados ou não, os sujeitos são portadores de letramentos, os quais, dizem respeito aos “aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade” (TFOUNI, 2010, p. 22) e aos modos, como alguns sujeitos, ainda que analfabetos, do ponto de vista de codificação e de decodificação da palavra (TFOUNI, 2006), próprias dos processos de alfabetização e escolarização (MARCUSCHI, 2010), possuem o entendimento sobre práticas sociais modernas e racionais de escrita, que constituem a natureza dos letramentos sociais.

A visão de Freire e Street se aproximam por estabelecerem uma visão ideológica do homem como social e, vivendo em sociedade, participa e elabora ideias sobre como concebe o mundo. Street (2014, p. 173), denomina como situações letradas dos indivíduos, “as ocasiões empíricas em que o letramento é parte integrante dos modelos populares sustentados por concepções ideológicas”. Nesta visão de letramento, todo homem antes da leitura da palavra adquire e apanha para si a leitura de mundo como prática comunicativa.

É pelo viés ideológico da leitura da palavra mundo, que o homem organiza seus discursos e, por meio das quais, produz linguagem. Street (2014), assevera que nessa

perspectiva, todo discurso é carregado de linguagem coerente e de valor, pelo fato de o homem participar de uma sociedade que lhe exige a leitura do mundo e, ele o lê antes mesmo de escrevê-lo ou dominar a escrita. É uma maneira ideológica centrada em um modelo de letramento que “não tenta negar as habilidades técnicas ou os aspectos cognitivos da leitura e escrita, mas sim entendê-los como encapsulados em todos culturais e em estruturas de poder” (STREET, 2014, p. 172). Portanto, na acepção que se tem hoje sobre letramentos sociais, conforme os NLS, Street (2003b, p. 9) alerta para o fato de que:

[...] os modelos jamais foram propostos como opostos polares: em vez disso, o modelo ideológico de letramento envolve o modelo autônomo. A apresentação do letramento como sendo “autônomo” é apenas uma das estratégias ideológicas empregadas em associação ao trabalho no campo do letramento, que em realidade disfarça a maneira em que a abordagem supostamente neutra efetivamente privilegia as práticas de letramento de grupos específicos de pessoas. Nesse sentido, o modelo autônomo mostra-se profundamente ideológico. Ao mesmo tempo, o modelo ideológico consegue perceber as habilidades técnicas envolvidas, por exemplo, na decodificação, no reconhecimento das relações entre fonemas e grafemas e no engajamento nas estratégias aos níveis de palavras, sentenças e de textos [...]. Entretanto, o modelo ideológico reconhece que essas habilidades técnicas estão sempre sendo empregadas em um contexto social e ideológico, que dá significado às próprias palavras, sentenças e textos com os quais o aprendiz se vê envolvido.

Portanto, mesmo que ainda não domine a escrita gráfica o homem domina a oralidade, tão singular e tão particular de cada um, que vai se construindo nas relações e no modo como cada sujeito entende o mundo, lê, verbaliza e interage através de discursos dando “corpo” a sua intencionalidade comunicativa pelos olhos de sua realidade empreendedora. É a partir dos contextos discursivos reais que os indivíduos elaboram significados e constroem sentido para aquilo que não consegue, em determinadas ocasiões pela palavra escrita.

São práticas letradas que, segundo Street (1993), estão ligadas às estruturas de poder da sociedade e suas variedades culturais em diferentes contextos em que os indivíduos se movimentam, não tão somente para adaptação de exigências sociais, mas também, e principalmente, porque veem, sentem e, de qualquer forma, participam socialmente construindo identidade socialmente forte, potencializadora de poder.

Na perspectiva de Street (2006, p. 466), em releitura de trabalhos anteriores, o:

[...] modelo “ideológico” de letramento, [...] reconhece uma multiplicidade de letramentos; que o significado e os usos das práticas de letramento estão relacionados com contextos culturais específicos; e que essas práticas estão sempre associadas com relações de poder e ideologia: não são simplesmente tecnologias neutras. (STREET, 1985, 1993)

Assim, a forma como cada indivíduo se posiciona através de seus discursos é o meio particular que utiliza para descrever um retrato de sua visão sobre o mundo. Suas experiências e sua bagagem de conhecimentos adquirem grande importância para estabelecer juízo de valor sobre a realidade simbólica da qual a linguagem é palco. Assim, o sujeito constrói e reconstrói seu posicionamento discursivo nos eventos sociais, ainda que sem o domínio da palavra escrita, conseguem participar com proficiência daquilo que Street (2014), chama de práticas comunicativas. Tais práticas se materializam em diferentes contextos sociais como uma forma de agir de uns sobre os outros. São formas de letramento, que, muitas vezes, ressaltam como fenômenos desvalorizados, que “gritam” à sabedoria daqueles que se articulam pela “palavramundo”, que se movimenta, que desliza, quase imperceptível pelos ambientes sociais.

Para Marcuschi (2001, p. 25), “investigar o letramento é observar práticas linguísticas em situações em que tanto a escrita como a fala são centrais para as atividades comunicativas em curso”, possibilitando que, pela força do discurso, os sujeitos construam experiências de mundo na convivência social. Desse modo, através da “palavramundo” os indivíduos proferem seus discursos na luta contra as desigualdades, posicionando-se de maneira a compreender a realidade à sua volta, com o propósito de transformá-la.

O homem é por natureza um ser discursivo. Ele produz a linguagem que representa seu pensamento, servindo como instrumento de comunicação e acima de tudo, forma de interação social. O homem é sujeito de seu próprio mundo. A leitura de mundo é a forma dos indivíduos se relacionarem, na tentativa de decifrar o desconhecido pela linguagem simbólica dos objetos culturalmente criados no intuito de dar-lhe sentido. Só assim, o homem será capaz compreender e interagir com os discursos de seus pares e também pela sua própria compreensão do mundo que, segundo Freire (2011), precede a leitura da palavra.

Pode-se assim dizer, que todo homem é por natureza política, socialmente letrado porque profere discursos e esses são carregados de sentido e de significados. Kleiman (1995, p. 38), diz ser “maneiras de estruturação discursiva que afetam a nossa própria relação com o

mundo”. É o caráter dos discursos que caracteriza o letramento dos indivíduos e constrói sua identidade ancorada na leitura das coisas que, para Freire (2011), inicia-se antes mesmo do conhecimento da escrita que começa a fazer sentido para o sujeito a partir da compreensão do contexto em que se vive. É, assim, como diz Kleiman (1995, p. 19), “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos para objetivos específicos”.

Portanto, tudo isso pode ser então, parte do modelo ideológico de letramento que possui uma dimensão social caracterizada como um conjunto de práticas sociais, culturalmente determinadas em estruturas históricas e de poder. Ele é um modelo social e plural. É marcado sócio-historicamente por todas as práticas situadas em contextos sociais e culturais específicos, fazendo parte de uma política que propicia mudanças na vida dos indivíduos, pois permite que eles entendam e possam construir, a partir de ideologias diversas, sua própria identidade social.

4 A LEITURA DE MUNDO NA PALAVRA DO PROFETA: UMA ANÁLISE DA MÚSICA “GENTILEZA” DE MARISA MONTE

Considera-se “letramento de mundo” toda sabedoria da palavra oralizada usada como expressão para representar as impressões pessoais que as mãos não grafam ou ainda não aprenderam a grafar, mas que os sentidos captam. É a leitura que cada um, escolarizado ou não, faz do mundo ao seu redor construído a partir de suas vivências. Nesse aspecto, são as leituras subjetivas, o ponto de partida que cada indivíduo faz, vindouras das práticas sociais, naquilo que Boff (2012) se refere como o olhar individual próprio. É o primeiro letramento adquirido pelo viés ideológico do homem ancorado em suas sensações, na intencionalidade de se comunicar, de compreender, de entender e representar sua realidade no cotidiano do seu contexto sociocultural, que, para Freire (2011, p. 11), significa também a “palavramundo”.

Assim, neste estudo, faz-se uma análise interpretativa e de “de conteúdo” (PENAFRIA, 2009, p. 6), da narrativa da canção “Gentileza” de Marisa Monte, em seu contexto real, procurando interpretar o valor simbólico atribuído na letra, revelando o olhar terceirizado da autora sobre a importância dos escritos do “profeta Gentileza” no Viaduto do Caju (RJ),

atribuindo-lhes o caráter das manifestações de letramento ideológico na perspectiva das trocas socioculturais do escrito “individual para o mundo” e da “leitura coletiva do mundo sobre o individual”, representado simbolicamente pelos fatos e pelos eventos do cotidiano.

Na letra, a autora manifesta o descontentamento pelo apagamento da memória social histórica do Rio traduzida na incompreensão e na desvalorização da arte no âmbito social das massas. São os letramentos de resistência marginalizados sem valor cultural pertencentes a uma ideologia de quem antes domina a leitura da palavra (SOUZA, 2011). No decorrer da letra da canção, contrapõe-se, de forma sutil, a importância e o valor do letramento ideológico em detrimento do letramento autônomo. Evidencia-se assim, as práticas sociais como aspectos não apenas da cultura, mas também, das estruturas de poder numa sociedade (KLEIMAN, 1995).

Para demonstrar sua frustração, a autora constrói o poema canção estruturado em quadras com cinco estrofes e, de forma melódica, faz questionamentos sobre as expressões e sobre as manifestações da “palavramundo” registrada na forma de arte concreta durante a missão evangelizadora do profeta Gentileza, que segundo Guelman (2000, p. 24), recebeu essa missão e passou a deixar de lado toda uma vida de apegos a bens materiais da cultura capitalista e passou a pregar bons ensinamentos, relativos ao perdão uns aos outros e mostrar “o Caminho da Verdade” “de Jesus na Terra”. São registros culturais que fazem parte de sua infância e também do patrimônio dos habitantes do Rio.

Na primeira estrofe, a autora verbaliza o sentimento de surpresa pelo fato de não mais visualizar as mensagens escritas no Viaduto do Caju (RJ), tão acessível aos transeuntes que acordavam cedo e se deslocavam para o trabalho e, embora de forma apressada, liam quase que automaticamente os discursos de altruísmo, de conforto espiritual e amor gratuito escritos nos pilares do viaduto, representativos da identidade do profeta Gentileza durante anos de sua missão evangelizadora de levar amor às pessoas.

Apagaram tudo
Pintaram tudo de cinza
A palavra no muro
Ficou coberta de tinta.

(Marisa Monte, 1ª estrofe)

Cada um, em sua individualidade silenciosa interpreta os discursos sociais públicos a partir de sua leitura de mundo, daquilo que constrói como base para entender o mundo, fazendo sempre uma releitura das leituras das esferas sociais por onde circula. Nessa perspectiva, isso faz da leitura sempre uma releitura, ou seja, um movimento de idas e vindas, as possibilidades de recriação de realidades que cada sujeito possui (BOFF, 2012). Cada indivíduo usa a língua do lugar onde se situa, construindo e reconstruindo diálogos na finalidade proposta do seu campo social de atuação.

Na estrofe seguinte, de maneira a intensificar a tristeza representada pela cor cinza, a autora finaliza o verso com o que restou da obra, “Tristeza e tinta fresca”.

Apagaram tudo
Pintaram tudo de cinza
Só ficou no muro
Tristeza e tinta fresca

(Marisa Monte, 2ª estrofe)

Subtende-se o chamamento para a desvalorização e a incompreensão da arte no verso inicial “Apagaram tudo”, como uma espécie de apagamento da memória artística e ideológica em “Pintaram tudo de cinza”. O cinza que remete a algo sem vida, sem horizontes, a tristeza. A voz do profeta é silenciada com tinta que encobre todo o seu acervo cultural, construído durante anos de pregação apagando o registro da representação ideológica do mundo pelo olhar do profeta.

No contexto da cidade grande, os escritos de Gentileza fazem história, pois tocam as pessoas através de uma ideologia universal – o amor e a singularidade de ser gentil. A letra da música faz referência aos costumes e aos hábitos vivenciados através de sua ideologia que representa um ponto de ancoragem para sua percepção do que ele apreendeu pela palavravundo (FREIRE, 2011; STREET, 1995). A autora transparece a fragilidade do mundo e das pessoas que necessitam de apoio espiritual. A falta de tempo, a pressa do cotidiano consome as pessoas dos sentimentos de ser gentil, da prática do amor sem exigências. São as palavras gratuitas que as pessoas necessitam para aliviar as angústias diárias.

Observa-se a reivindicação de algo tão simples, na terceira estrofe, do “Merecemos ler as letras” nas palavras de afeto escrito nos muros da cidade.

Nós que passamos apressados
Pelas ruas da cidade
Merecemos ler as letras
E as palavras de Gentileza

(Marisa Monte, 3ª estrofe)

Evidencia-se a carência de gentileza em que vive as pessoas dos grandes centros. “Gentileza gera Gentileza”. O valor simbólico atribuído aos escritos traz a construção ideológica da pregação praticada pelo religioso, do alimento espiritual proferido pelo leigo, que domina antes a “palavramundo” que precede a palavra escrita (FREIRE, 2011), a partir da ideia do modelo ideológico de letramento (STREET, 1995), no qual as práticas de letramento são parte do contexto sócio-histórico e cultural, entranhado nas estruturas de poder social vigentes. Com isso, difere do modelo autônomo de letramento, historicamente enraizado na cultura escolar, que atrelava o letramento apenas a ação alfabetizadora da escola. Essa ampliação/redefinição conceitual, no âmbito dos NLS, considera os letramentos sociais (STREET, 2014). Os sujeitos terão sempre seu ponto de ancoragem social e, é desse ponto que cada um, em sua individualidade percebe o seu lugar no mundo.

Na estrofe seguinte, a autora começa pelo questionamento que envolve a perspectiva dos letramentos sociais autônomos e ideológicos (STREET, 2014), representados, sobretudo, pelas palavras “mundo”, “livro” e “sabedoria”.

Por isso eu pergunto
A você no mundo
Se é mais inteligente
O livro ou a sabedoria.

(Marisa Monte, 4ª estrofe)

O “livro”, geralmente relacionado ao espaço escolar representativo dos letramentos autônomos; e a “sabedoria” intimamente ligada às leituras de mundo que precedem a leitura da palavra. Esse mesmo princípio tem lugar na leitura bíblica, e, neste aspecto, Gentileza, pela imersão espiritual que conseguira, buscava cumprir a Palavra, por meio de uma “sabedoria” que se sobrepunha aos bens materiais e ao “lucro”.

Compreende-se, a partir disso, a intencionalidade da autora em questionar os âmbitos de aquisição do letramento, através da leitura e da escrita (livro) e o conhecimento de mundo (sabedoria). As instâncias de circulação de cada letramento e como os indivíduos precisam de um posicionamento de valor para utilizá-los em cada instancia social.

O questionamento se refere ao mundo como espaço de interação das leituras sociais que cada indivíduo realiza: “Por isso eu pergunto / A você no mundo”. A pergunta se refere ao sujeito do mundo. Evidencia-se no questionamento da autora, de forma subtendida, o valor social atribuído ao letramento ideológico manifestado na canção. A analogia que ela faz entre os letramentos autônomo e ideológico. As ideologias se dão, na verdade, pelo ambiente “o mundo é uma escola”. Porém, é importante dizer que, como propõe Street (2003b), que os modelos de letramento não se opõem, mas se envolvem. São modos de interagir socialmente ou através da palavra escrita ou da palavra captada pelas ações letradas abstratas no sentido ideológico e funcional (FREIRE, 2011; STREET, 1995).

Na última estrofe, encontra-se o que há de mais forte e intensificador nas palavras de Gentileza. A canção faz uma retomada da trajetória do profeta, carregada de um sentido metafórico.

O mundo é uma escola
A vida é o circo
“Amor: palavra que liberta”
Já dizia o Profeta.

(Marisa Monte, 5ª estrofe)

Ao analisar o primeiro verso “O mundo é uma escola”, põe o mundo como espaço de reificação do conhecimento da escrita e apreensão do conhecimento que a precede. São letramentos subtendidos pelas palavras “mundo/escola”. O mundo também oferece suas leituras-da palavra (FREIRE, 2011). Tanto o “mundo”, em sentido global, ideológico e cultural; quanto a escola, em sentido local situado, dotada de intencionalidade, são espaços de aprendizagem e de construção de conhecimento partilháveis.

O verso “A vida é um circo” faz uma analogia à vida, relacionando-a ao chamamento do pregador a partir do episódio do circo. Em uma interpretação subjetiva, a autora se refere ao fato que mudou radicalmente a vida do profeta diante de um incêndio em um circo. A vida

muda diante de um espetáculo. O chamado a cumprir uma missão espiritual na Terra (GUELMAN, 2000).

No verso “Amor: palavra que liberta” faz referência à pregação através das leituras de mundo proferidas pelo profeta, que pregava amor, paz e gentileza ensinando às pessoas buscarem praticar o perdão e o amor ao próximo por meio da verdade, conforme o ensina “o Nosso Pai” (GUELMAN, 2000, p. 24). Neste aspecto, mais uma vez, a ‘palavra do Profeta’ tem ancoragem no contexto bíblico, reforçando o fato de que a visão do amor, do perdão e da verdade, são instâncias de libertação espiritual, assim como a palavra, que também liberta, referindo-se a Verdade o Caminho e a Vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo explorou a natureza diversa e plural dos letramentos sociais, por meio da análise da letra da música “Gentileza” de Marisa Monte, que, a partir da visita ao contexto sócio-histórico e cultural de sua composição, constitui um rico painel ilustrativo para pensar a relação entre o sujeito e a escrita, nos diferentes valores sociais e ideológicos que ela assume.

Nesse sentido, as máximas de ‘leitura de mundo’ e ‘letramento social’, respectivamente referidos por Paulo Freire e Brian Street, constituem ancoragem para a percepção do movimento de análise aqui proposto. Ainda que, provavelmente, de maneira não intencional, visto que a arte (a música) se despe de qualquer explicação racional e lógica, pois sua função é de fruição e estética, os versos da canção compõem uma narrativa visceral dos efeitos que a palavra (oral ou escrita), assume nas sociedades modernas e letradas.

A figura do Profeta Gentileza aparece como um veículo transportador dessa palavra, seja por meio de suas pregações, ou pelos famosos escritos no Viaduto do Caju (RJ), e que serviram como mote inspirador para a compositora brasileira. A obra de Gentileza, como demonstra a análise de literatura feita ao longo deste estudo, evidencia um capítulo a mais na história da cidade maravilhosa, um dos maiores cartões postais para o mundo.

Evidencia-se, por fim, um movimento cíclico de leituras e releituras nesse contexto: o Profeta Gentileza, leu e interpretou o mundo, sobretudo, a partir de uma visão cristã e crítico-reflexiva dos fatos; já Marisa Monte, tocada pela obra do missionário, faz uma leitura escolarizada – e principalmente ideológica – da importância do seu trabalho e de sua trajetória

como sujeito da Palavra sentida, proferida e humanizadora. Com isso, percebe-se um movimento de resgate, valorização e legitimação dos diferentes modos como o valor da escrita entranha-se nas estruturas de poder e domínio social instauradas.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BARTON, D. The Social nature of writing. *In*: BARTON, David; IVANIC, Roz (org.) **Writing in the community**. Mewburyb Park: Sage Publications, 1991. p. 1-13.

BARTON, D. **Literacy**: an introduction to the ecology of written language. Cambridge: Blackwell, 1994.

BARTON, D.; HAMILTON, M. **Local literacies**: reading and writing in one community. Londres e Nova York: Routledge, 1998.

BARTON, D.; HAMILTON, M. Literacy practices. *In*: BARDON, D.; HAMILTON, M.; IVANIC, R. (orgs.). **Situated literacies**: reading and writing in context. Londres; Nova York: Routledge, 2000. p. 7-34.

BARTON, D.; HAMILTON, M.; IVANIC, R. (orgs.). **Situated literacies**: reading and writing in context. Londres; New York: Routledge, 2000.

BATISTA JÚNIOR, J. R. L.; MAGALHAES, I.; SATO, D. T. B. Desdobramentos recentes da educação inclusiva no Brasil: discursos e práticas de letramento. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 12, p. 699-724, 2012.

BATISTA JÚNIOR, J. R. L.; SATO, D. T. B. A Inclusão de pessoas com deficiência e o papel do educador especializado na escola regular: discurso, identidade e letramento. **Revista Latino-Americana de Estudos do Discurso**, v. 19, p. 111-127, 2019.

BOFF, L. **A águia e a galinha**: uma metáfora da condição humana. 50. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

DEVILLART, J. M. B. **A Iconicidade no discurso do profeta Gentileza**. 2015. 122 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FOSCACHES, G. V.; RIOS, G. V. Discursos dominantes de letramento em questões de vestibular. **Linguagem em (Dis)curso - LemD**, v. 17, n. 3, p. 449-465, set./dez., 2017.

FREIRE, P. **A Importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, P.; MACEDO, D. **Alfabetização**: leitura do mundo, leitura da palavra. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, A. M. A. A Leitura do mundo e a leitura da palavra em Paulo Freire. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 35, n. 96, p. 291-298, maio/ago. 2015.

GIROUX, H. **Pedagogia radical**: subsídios. São Paulo: Cortez, 1983.

GUELMAN, L. C. **Brasil**: Tempo de Gentileza. Niterói: EDUFF, 2000.

GUERRA, A. M. C. *et al.* A Função da obra na estabilização psicótica: análise do caso do Profeta Gentileza. **Interações**, v. 11, n. 21, p. 29-56, jan./jun. 2006.

HAMILTON, M. Expanding the new literacy studies: using photographs to explore literacy as social practice. In: BARTON, D.; HAMILTON, M.; IVANIC, R. (orgs.) **Situated literacies**: reading and writing in context. Londres; Nova York: Routledge, 2000. p. 56-87.

HEATH, S. B. Protean shapes in literacy events: ever-shifting oral and literate traditions. In: TANNEN, D. (ed.). **Spoken and written language**: exploring orality and literacy. Norwood: Ablex, 1982. p. 91-117.

HEATH, S. B. **Ways with words**: language, life, and work in communities and classrooms. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

HEATH, S. B. What no bedtime story means: narrative skills at home and school. In: DURANTI, A. (org.). **Linguistic anthropology**: a reader. Oxford: Blackwell, 2001.

KLEIMAN, A. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. B. (org.). **Os Significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p. 15-61.

LORENZINO, A. A. **A Poética de Gentileza**: um patrimônio carioca. 2009. 100 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

MAGALHÃES, I. Introdução: a Análise de Discurso Crítica. **DELTA**, São Paulo, v. 21, n. 3. p. 1-9, 2005. Edição especial.

MAGALHÃES, I. (org.). **Discursos e práticas de letramento**: pesquisa etnográfica e formação de professores. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

MARCUSCHI, L. A. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. *In*: SIGNORINI, I. (org.). **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 23-50.

MARCUSCHI, L. A. **Da Fala para a escrita**: atividades de retextualização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MASCIA, M. A. A. O Discurso do letramento e as relações de poder: por uma abordagem menos ilusória. **Travessias**, v. 7, n. 1, p. 138-153, 2009.

MONTE, M. Gentileza (Faixa 10). *In*: MEMÓRIAS, Crônicas e Declarações de Amor. Londres: EMI, 2000. CD.

MONTE, M. A História de Gentileza. **Jornal da Casa: Casa do Brasil**, n. 45, p. 1-8, set. 2014, Disponível em: <https://bit.ly/3fdmZUT>. Acesso em: 06 abr. 2020.

OLIVEIRA, M. J. Gentileza nas palavras de um profeta urbano. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, p. 1-15, 2005. Disponível em: <https://bit.ly/3bh33iT>. Acesso em: 06 abr. 2020.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-1969). *In*: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Eni Orlandi. Campinas: Unicamp, 2010. p. 59-158.

PENAFRIA, M. Análise de filmes - conceitos e metodologia(s). *In*: CONGRESSO SOPCOM, 6., Lisboa. Anais [...]. Lisboa: SOPCOM, 2009. p. 1-10. Disponível em: <https://bit.ly/3uHnRYh>. Acesso em: 03 fev. 2020.

SCRIBNER, S.; COLE, M. **The psychology of literacy**. Cambridge: Harvard University Press, 1981.

SOUZA, A. L. S. **Letramentos de reexistência**: poesia, grafite, música, dança: hip-hop. São Paulo: Parábola, 2011.

STREET, B. V. **Cross-cultural approaches to literacy**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

STREET, B. V. **Social literacies**: critical approaches to literacy in development, ethnography and education. Harrow: Pearson, 1995.

STREET, B. V. What's "new" in New Literacy Studies? critical approaches to literacy in theory and practice. **Current Issues in Comparative Education**, v. 5, n. 2, p. 77-91, 2003a. Disponível em: http://people.ufpr.br/~clarissa/pdfs/NewInLiteracy_Street.pdf. Acesso em: 18 jul. 2020.

STREET, B. V. Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento. **Teleconferência Brasil sobre o letramento**, out. 2003b.

STREET, B. V. Perspectivas interculturais sobre o letramento. Tradução de Marcos Bagno. **Revista de Filologia e Linguística Portuguesa da Universidade de São Paulo**, n. 8, p. 465-488, 2006. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/flp/article/download/59767/62876>. Acesso em: 20 abr. 2020.

STREET, B. V. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.

112

TFOUNI, L. V. **Adultos não alfabetizados**: o avesso do avesso. Campinas: Pontes, 1988.

TFOUNI, L. V. **Adultos não-alfabetizados em uma sociedade letrada**. São Paulo: Cortez, 2006.

TFOUNI, L. V. **Letramento e alfabetização**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

YADO, T. H. M. **Sentidos no espaço urbano**: os dizeres de Gentileza dentro e fora da cidade. 2016. 145 f. Tese (Doutorado em Ciência, Tecnologia e Sociedade) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.